

A tiriba-do-pescoço-branco (*Pyrrhura albipectus*) no Equador meridional: notícias sobre a sua conservação

ISSN 1981-8874



David Waugh

A tiriba-do-pescoço-branco *Pyrrhura albipectus* é uma espécie pouco conhecida, com uma pequena distribuição geográfica, virtualmente endêmica no Equador meridional, porém recentemente encontrada também no norte do Peru. Habita a floresta tropical entre 900 e 2000 m, mas principalmente entre 1000 e 1700 m na região montanhosa dos Andes, no sudoeste do Equador. Esta espécie tem sido observada num hábitat parcialmente e seriamente degradado, porém a mata primária é a mais importante para sua sobrevivência de longo prazo. Nesta região, o desmatamento tem sido extensivo nos locais de menores altitudes de sua distribuição e a atividade está invadindo gradualmente também as florestas de maiores altitudes. O comércio ilegal das tiribas-do-pescoço-branco dentro o Equador é uma ameaça adicional e, portanto, a espécie está classificada como *vulnerável* pela BirdLife International (Lista Vermelha da UICN).

Para ajudar a conservar esta espécie e seu hábitat, a Fundação Loro Parque, de Tenerife – Espanha, apoiou um projeto da ONG equatoriana Fundação Jocotoco. A bióloga Mery Juiña desenvolve as atividades de conservação que ocorrem na reserva de Tapichalaca, que está situada na província de Zamora-Chinchipec. A superfície desta reserva é de 3500 hectares, com uma topografia muito irregular, cobrindo a distribuição altitudinal mais alta deste psitacídeo, e a população atual na reserva é pequena, com um máximo de 19 indivíduos contados até esta data. Tal qual tem se encontrado com outras espécies em perigo de extinção e também endêmicas do Equador, parece que há uma escassez de ninhos naturais, e que a instalação de ninhos apropriados faz com que sejam imediatamente ocupados pelos psitacídeos. A reprodução acertada nos ninhos pode aumentar o contingente durante o tempo e além de outras medidas de conservação.

Os ninhos colocados para *P. albipectus* na reserva de Tapichalaca em 2008 atraíram as tirivas, porém não foi registrado nenhum filhote. Os grupos, com diversas quantidades de psitacídeos foram observados dor-



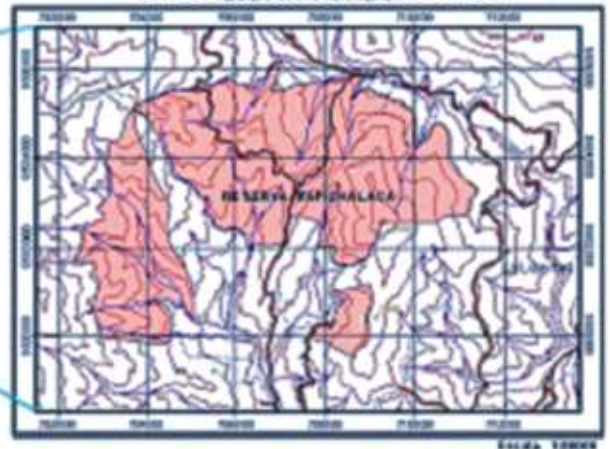
Um casal adulto de tiriva-do-pescoço-branco. Autor: Nick Athanas / Tropical Birding



Casal de tiriva-do-pescoço-branco em ninho artificial instalado no tronco de uma palmeira. Autor: Mery Juiña / F. Jocotoco



RESERVA TAPICHALACA



Mapa da distribuição geográfica de *P. albipectus* no Equador



Um casal de tiriva-do-pescoço-branco num ninho artificial. Autor: Mery Juiña / F. Jocotoco

mindu nos ninhos artificiais (três grupos de quatro indivíduos, um de cinco, um de sete e quatro grupos de número desconhecido de indivíduos). No início de dezembro de 2008, o grupo de cinco tirivas havia acumulado a quantidade maior de penas no ninho e tinha trabalhado no seu interior, semelhante ao comportamento de *P. orcesi* antes do começo da postura (ver AO 146, pág. 22). Além disso, os sons que vinham da caixa eram típicos de interações dentro os ninhos na estação reprodução e, portanto, o início da postura que começa em janeiro. Isto concorda com um registro prévio de um adulto na condição de prerreprodução em abril, porém outro registro anterior é de um joven dependente dos pais no mês de setembro. O trabalho recente sobre tiriba-de-santa-marta (*P. viridicata*) na Colômbia demonstrou que esta espécie se reproduz em duas estações de cada ano e, talvez, a *P. albipectus* demonstre o mesmo padrão.

A vigilância permanente dos ninhos artificiais durante a estação reprodutiva será necessária já que, infelizmente, mesmo dentro de uma reserva, existe a possibilidade de roubo de filhotes dos ninhos. A invasão de ninhos artificiais pelas abelhas constitui a outra dificuldade principal, e o projeto está trabalhando de maneira tal a dissuadir as abelhas e atrair as tirivas-do-pescoço-branco.